

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

ILVARO EVANGELISTA DE LIMA

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º 1129

Data 26/02/97

O S C E G O S E M U B E R L Â N D I A

1621

Uberlândia, dezembro de 1990

1624 S.9 (C)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA CDMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)

8010

ILVARO EVANGELISTA DE LIMA

O S C E G O S E M U B E R L Â N D I A

Trabalho final da disciplina His
tória do Brasil VII, 9º período
do Curso de História, sob orien-
tação da professora Carmem Lúcia
Figueira Balbino.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

UBERLÂNDIA-MG, DEZEMBRO/90

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
RUA SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Minas)

A maior graça da natureza - e o maior
perigo da graça - são os olhos.
Tanto aqueles com que vemos, como a-
queles com que somos vistos.

Padre A. Vieira

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I - OS CEGOS EM UBERLÂNDIA	9
CAPÍTULO II - A FAMÍLIA DO DEFICIENTE VISUAL	13
CAPÍTULO III - A SOCIEDADE E O DEFICIENTE	19
CAPÍTULO IV - ESPORTE E LAZER - PARA QUEM?	25
CAPÍTULO V - EDUCAÇÃO DEFICIENTE PARA DEFICIENTES .	29
CAPÍTULO VI - MERCADO DE TRABALHO	34
CONCLUSÃO	38
BIBLIOGRAFIA	42

INTRODUÇÃO

O deficiente visual, assim como qualquer deficiente, sempre esteve à margem da sociedade. Numa sociedade que visa o lucro, aqueles que não se enquadram no "rebanho sadio", são excluídos do processo de trabalho, cultura, lazer, etc., o que provoca nestes deficientes um sentimento de invalidez e inutilidade, ou em outras palavras, passam a ser "metade de pessoas" à espera da morte.

Em Uberlândia, a falta de integração do deficiente, e em particular do deficiente visual, se deve também ao fato de não existir nenhuma escola ou entidade capaz de proporcionar aos cegos uma atividade educacional que lhes permita o desenvolvimento psico-motor e intelectual, para que os mesmos possam se inserir no meio social como um indivíduo comum, com desejos e necessidades como qualquer outra pessoa; se inserir também no mercado de trabalho, se não ao mesmo nível de igualdade, mas que pelo menos reduza essa disparidade existente entre o cego e uma pessoa vidente.

A mentalidade social também ainda está por se transformar; o que temos hoje na sociedade capitalista é a supervalorização da vida material, ou seja, a riqueza, a beleza, o prazer, etc., mas que a meu ver não podem ser os únicos valores a se considerar.

Esse tipo de valorização social, se transforma num forte meio de segregação e marginalização dos cegos, pois , ao se valorizar a imagem e a beleza, os cegos se encontram excluídos deste processo por dois meios:

a) não correspondem ao padrão de beleza cultivado, eles representam a feiura, oferecem aos que vêem, um "espetáculo

degradante".

b) Também se encontram excluídos do meio social por outro lado, pois, uma vez que não enxergam, não conseguem perpetuar o que a sociedade tanto difunde, cultiva e valoriza. Portanto, tudo que é "diferente" e não se enquadra nesse meio social, é excluído dele.

Nesta sociedade, a competitividade e o egoísmo dominam os seus participantes; o homem perde a sua essência humana, ou seja, um ser social.

As pessoas que apresentam alguma dificuldade de conquistarem o seu espaço, são devoradas pelo sistema e colocadas à margem, esquecidas. O deficiente torna-se potencialmente desigual em relação aos outros homens. Tornando-se desigual é segregado.

Diante desta realidade, sentimos a necessidade de resgatar a condição humana de um grupo que se encontra à margem da sociedade, e infelizmente ainda não é reconhecido como pessoa humana na sua plenitude. O deficiente ainda é visto apenas como uma coisa viva biologicamente, mas morta ou inútil dentro das relações sociais.

O deficiente perde sua condição humana diante da sociedade, a partir do momento em que não é considerado um "igual" por esta. Se a sociedade é formada por homens, e se o deficiente não é igual, logo, ele deve ser um animal ou um inseto inútil, desagradável, feio, que deve ser mantido fora do convívio social, escondidos em locais especialmente criados para eles, longe da sociedade.

O próprio deficiente muitas vezes acaba caindo nesta armadilha, ele próprio não se sente completo; mas isto é perfeitamente explicável, uma vez que, a sociedade o exclui e não o considera como participante ativo, o considera como infe

rior, improdutivo e incapaz.

Para a sociedade, o homem só mantém sua essência humana, enquanto se encontrar inserido no processo produtivo. Tudo gira em torno da produção, e, aqueles que não se encontram inseridos neste processo, são automaticamente colocadas à margem da sociedade, rotulados e lançados cada qual no seu espaço, exemplo: cegos, loucos, débeis, ladrões, velhos, etc.

A sociedade em si, forma as relações de poder, sendo que cada indivíduo têm o seu papel definido. *Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem rela*ções de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurs^o.¹

Tentaremos discutir a realidade atual do deficiente visual em Uberlândia. Quantos são, como vivem, quais são suas perspectivas de vida. A discriminação e a rejeição do deficiente no mercado de trabalho, acesso ao esporte, lazer e cultura.

A discriminação na sociedade e na própria família. Como se processa a relação da família e sua atitude diante de um parente deficiente; superproteção ou rejeição? E quais as suas consequências.

A família é o primeiro ponto de referência e o suporte para que o deficiente se desenvolva normalmente. Porém, muitas vezes, a própria família é a primeira a discriminar.

Hoje, frequentemente se ouve uma pessoa perguntar a uma gestante, se ela têm alguma preferência pelo sexo da crian

1 - FOUCAULT, Michel. MICROFÍSICA DO PODER. Ed. Graal, 7 ed., Rio de Janeiro, 1988. p.179.

ça, e a resposta geralmente é a seguinte: "Isto não interessa , o importante é que ela seja sadia, sem nenhum problema."

Toda essa expectativa do nascimento de uma criança gira em torno da saúde e da "normalidade" dela. Porém, quando se percebe que a criança possui alguma deficiência, o choque para os pais e para a família é terrível, a rejeição pela criança chega ao ponto de se desejar que ela morra. No capítulo que se trata da família, citaremos algumas reações mais comuns por parte dela, perante um fato inesperado: o nascimento de uma criança deficiente.

Com relação à profissionalização, tentaremos perceber quais são as expectativas do deficiente visual, diante do problema de rejeição no mercado de trabalho e as dificuldades de acesso às áreas do conhecimento, levando em consideração a cidade de Uberlândia, que praticamente não possui nenhuma infraestrutura que possa viabilizar uma melhoria nas suas condições de vida.

Diante da problemática dos cegos em Uberlândia , tentaremos analisar a condição de submissão em que se encontram perante a sociedade, que lhes impõe, delimita e controla seu espaço.

Capítulo I

OS CEGOS EM UBERLÂNDIA

Uberlândia é e sempre foi uma cidade tradicional e conservadora que têm como lema buscar desenfreadamente o desenvolvimento e o progresso. Porém, aqueles que não acompanharem este ritmo de produção, serão automaticamente excluídos dela.²

Hoje, os cegos na sua maioria estão excluídos do mercado de trabalho, e os que conseguem alguma independência, sobrevivem em função de subempregos, normalmente, são vendedores de bilhetes de loterias e rifas beneficentes. Fora desta atividade, raramente outras áreas permitem o acesso destes deficientes.

Em Uberlândia não existe uma entidade ou escola capaz de preparar o cego para a sua afirmação na sociedade e no mercado de trabalho, e isto não se sabe se é por falta de verbas para aquisição de material adequada e contratação de pessoal especializado; ou se é desinteresse por parte das autoridades e empresas em investir em algo considerado improdutivo.

Por outro lado, a sociedade também tem medo de incentivar a inclusão de deficientes no mercado de trabalho, pois hoje, mais do que nunca tem se preocupado com a eficiência, com a produtividade, com a qualidade e também com a "segurança", e para a sociedade, um deficiente não oferece nenhum dos itens acima.

Poderemos tomar como exemplo, o caso de Jesuíno Pires, ocorrido no Estado de São Paulo, já bastante divulgado pe

2 - RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. O Discurso da Construção Social: ordem e progresso. In: TRABALHO, ORDEM E PROGRESSO: Uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora Uberlandense - O setor de serviços - 1924-1964. Dissertação de mestrado. USP/SP. 1989.

la imprensa e que todo o país conhece. Jesuíno, apesar de todas as dificuldades que a deficiência lhe impunha conseguiu formar-se em medicina, pela Faculdade de Ciências Médicas de Santos/SP, porém, após ter concluído todo o currículo, deparou com uma discriminação inesperada; os médicos e professores do Hospital onde foi realizado o período de residência, se negaram a fazer a avaliação de seu desempenho, com o receio de entregar o diploma a um cego. O diploma só lhe foi entregue, após Jesuíno ter entrado com processo junto ao Ministério da Educação, e contar com o apoio da imprensa e alguns segmentos mais esclarecidos da sociedade.³

Temos também como exemplo, a discriminação que se faz presente dentro da própria Universidade Federal de Uberlândia. Durante uma entrevista com o Sr. Lázaro Olavo Silva, Diretor Executivo da ASSOCEGU (Associação dos Cegos de Uberlândia), ele nos contou da sua dificuldade em ingressar na Universidade, e posteriormente se manter nela e conseguir se formar em Direito. Segundo ele, as dificuldades e a discriminação já se fizeram presentes logo no momento de se fazer a inscrição para o vestibular. A Universidade se negava a aceitar sua inscrição, alegando que não possuía provas traduzidas para o braille, impossibilitando desta forma que ele fizesse as referidas provas. Depois de muita luta e persistência, o deficiente consegue junto à Universidade (que certamente concedeu apenas para contornar a situação, acreditando que ele seria reprovado e então o problema estaria resolvido), que uma pessoa vidente o acompanhasse nas provas, transmitindo-lhe as que questões e marcando-as no cartão de respostas. Ele é aprovado, começaria então novos problemas.

3 - Fundação Hilton Rocha. BRAILLE. v. V nº 03. Belo Horizonte. Setembro/89. p.107.

Os professores, alegando ser impossível para um cego cursar tais disciplinas, por se tratar quase que exclusivamente de teorias, o que exigia muita leitura e escrita. Alegavam também que não havia nenhum material traduzido para o braille, impossibilitando que ele estudasse e fizesse as provas, que também não poderiam serem escritas em braille, porque nenhum professor conseguiria ler.

As discussões continuavam e ninguém admitia a permanência de um cego naquele curso, chegando até a propor que ele mudasse para outro curso, que a Universidade se encarregaria de tomar as providências necessárias para tal transferência. Lázaro Olavo indignado recorre à imprensa, expondo toda a dificuldade e discriminação enfrentada por ele.

Após grandes pressões por parte da imprensa e alguns segmentos sociais, o Departamento de Direito é obrigado a aceitar o deficiente como aluno. Ficou definido que o aluno frequentaria normalmente as aulas, e durante as provas, uma pessoa vidente o acompanharia, lendo as questões para ele e escrevendo as respostas.

Depois de muito luta, Lázaro Olavo conseguiu se formar em Direito, e hoje exerce sua atividade profissional normalmente na Associação dos Cegos de Uberlândia.

O preconceito e a discriminação atingem uma gama enorme da sociedade, até mesmo aqueles que não se dizem preconceituosos, acabam descobrindo que os são. Você teria coragem de consultar um advogado cego, ou colocar um processo em suas mãos para que ele o defenda? Você teria coragem de se consultar com um médico cego, ou se submeter a uma cirurgia com ele?

São questões que mexem e contrariam todo o sistema de eficiência, produtividade, qualidade e segurança que até mesmo nós acabamos quase que inconscientemente perpetuando, Por-

tanto, fica desde já esta questão: Existe alguém que não tem pre conceitos?

Capítulo II

FAMÍLIA DO DEFICIENTE VISUAL

O choque provocado pela deficiência visual em uma família é grande, pois, cai por terra tudo aquilo que ela planejou para o futuro do seu filho. Ela imagina que tudo será negado a esta criança ou adulto. Nessa sociedade não existe um espaço para o deficiente, considerado como improdutivo e dependente.

Nesse momento de choque provocado por algo tão degradável, a família se sente perdida diante da situação, podendo-se perceber neste momento diversas atitudes para se encontrar uma explicação ou um culpado pelo fato inesperado.⁴

1 - Reação de choque - ao saber da deficiência - naquele momento não se consegue formular raciocínios lógicos de como enfrentar de maneira consciente a deficiência. Todo o planejamento familiar se desmorona, não, há lugar para essa pessoa dentro daquele contexto social já programado.

A estesia e as interrogações se revezam no consciente (inconsciente):

- . Não acredito!
- . O que os outros vão dizer de nós?
- . Como vamos dizer isto aos amigos?
- . O que vai ser do futuro desta criança?
- . O que fazer?

2 - Reação de negação - Isto não é possível! Este filho não é meu é meu, será que não foi trocado no berçário?

A expectativa da família em relação à criança e o

4 - Fundação Hilton Rocha. BRAILLE. v. III nº4, Belo Horizonte. Dez./87. p. 155.

desejo que ela vá além do esperado são marcantes na negação da deficiência.

Muitos pais não vão além da aceitação parcial; aceitam o diagnóstico, mas rejeitam as implicações futuras. Ao invés de prosseguirem em um tratamento correto, vão atrás de curas milagrosas, muitos até chegando ao ridículo.

3 - Reação de revolta - o médico é o culpado, acham que o tratamento foi ou está sendo inadequado; esta deficiência foi provocada por aquele médico incompetente que não soube fazer o parto.

Esse sentimento de revolta, normalmente acaba afetando as relações entre o próprio casal. As discussões e acusações se tornam frequentes, o que importa naquele momento é encontrar um culpado.

Os parentes também acabam intervindo, onde se ouve toda forma de acusação:

- "A culpa é toda sua, durante a gravidez você bebia e fumava a vontade."
- "Vocês dois estavam sempre brigando, só poderia dar nisto."
- "Você sempre foi uma mulher louca, nunca deu atenção a esta gravidez."

Porém, a verdade é que entre discussões e revolta, a criança acaba sendo esquecida, deixada à margem. Esta criança acaba sendo excluída do convívio normal, ela torna-se um "carma" para a família.

4 - Reação de culpa - "O que eu fiz para ter uma criança deficiente?"

Na tentativa de se buscar uma explicação, o casal se abate. A angústia domina o consciente.

Aquela sensação humana que despreza algum perigo; alguma coisa imprevista, que sempre acontece com os outros,

mas nunca com a gente. Esta certeza de se estar protegido acaba sendo substituído por gestos e expressões petéticas:

- "Isto não pode estar acontecendo comigo."
- "Será que é castigo de Deus."

5 - Reação de ocultamento - fogem da sociedade porque todos olham a criança.

A criança representa o "feio", e esta não deve ser apresentada em sociedade, pois isto afetaria o prestígio da família.

Como já foi dito anteriormente, a beleza e a imagem é que determinam o sucesso na sociedade, e a partir do momento em que uma família não pode oferecer ao social este padrão estético determinado, resta-lhe então como alternativa, o ocultamento.

A própria família se auto-polícia. Têm vergonha dos outros e de si mesma.

O deficiente se torna um carma, uma vergonha para a família, e a única maneira de se amenizar esta vergonha, é esconder a causa dela, ou seja, a criança.

Neste momento, nem a sociedade e nem a própria família se mostram interessadas em libertar essa criança de seu esconderijo, pois para a sociedade ela não merece nenhum investimento, ela é e será sempre improdutiva; e para a família ela será sempre dependente, nunca será capaz de ser independente, e assim sendo, é melhor mantê-la em casa e evitar humilhações.

Na sociedade capitalista, as pessoas são tratadas como objeto. Apresentar uma pessoa à sociedade, é o mesmo que mostrar um carro, uma casa ou uma roupa, se ela for bonita, que satisfação, todos elogiam, isto torna-se motivo de admiração, de poder; por outro lado, se o "objeto" mostrado for feio, apresentar algum defeito, é motivo de vergonha, de incapacidade e de in

ferioridade.

Neste tipo de sociedade, tudo gira em torno da imagem e da beleza, e estes por sua vez determinam a capacidade, a superioridade e o prestígio.

6 - Reação de rejeição:

A família rejeita definitivamente a criança, não se tem um convívio harmonioso.

O deficiente passa a ser considerado um peso morto para a família. Ele, mesmo não sendo, acaba sendo considerado como o motivo de qualquer desacordo ou dificuldade familiar.

O deficiente se torna indesejado, se torna um estranho dentro da própria família que não o considera como membro, como pessoa comum, com defeitos e virtudes, capaz de ter suas próprias vontades.

Esse sentimento de rejeição chega ao extremo desejo de que ele morra. A necessidade de se ver livre de algo indesejado, de algo improdutivo, torna a família num carrasco, impiedoso, frio, que não tira imediatamente a vida de uma pessoa, mas que vai minando aos poucos a vida daquele corpo defeituoso, que só causa problemas e vergonha.

7 - Reação de superproteção:

Aceitam a criança mas eles mesmos não a consideram normal, interferindo e controlando todas as suas ações.

Os pais acabam castrando a liberdade da criança, ao sinal de qualquer perigo, os pais correm para socorrê-la. Isto acaba dificultando o processo de independência, comum em todas as espécies de animais.

A criança deve aprender a se defender sozinha; e ela é capaz, dentro das limitações que a deficiência lhe impõe, de se adaptar-se ao meio.

A superproteção causa à família e ao deficiente,

um sentimento de dependência, da qual eles dificilmente se libertarão, impedindo um perfeito convívio de ambos na sociedade.

Os pais que investem muito no deficiente, esquecendo-se de si mesmos, desenvolvem um padrão de dependência tão forte que suas vidas perdem a razão de "ser" como pessoas diferenciadas do filho. Desenvolve-se neste sentido, uma relação neurótica que é prejudicial tanto para o deficiente, como para os próprios pais.

Todas essas reações acabam se misturando e confundindo-se umas com as outras, mas na verdade, isso é fruto de um sentimento de revolta, rejeição e discriminação de um ente deficiente. O deficiente se vê a mercê das atitudes e reações da família, muito das vezes, acabam perdendo sua identidade, tornando um mero objeto nas mãos dela, mãos essas que quase inconsciente podem afagar, espancar, acolher ou expulsar.

Dentro da sociedade capitalista, é perfeitamente compreensível todas essas formas de reações, pois, uma família espera que o filho tenha livre acesso à sociedade, possa se firmar e posteriormente cuide dos próprios pais. No caso específico de um deficiente, todo esse planejamento se desmorona, pois, futuramente tanto os pais como o filho deficiente poderão ficar sujeitos apenas às benesses da sociedade.

Todas estas atitudes e reações muito das vezes patéticas por parte da família diante de um acontecimento inesperado, deve-se também ao fato de o Estado transferir toda a responsabilidade referente a educação, saúde e formação profissional para a família. O Estado e a sociedade apenas investem naquelas crianças que oferecem alguma expectativa de lucro, aquelas que não "merecem" investimento, são excluídas do processo.

A responsabilidade recai sobre a família, cabendo a ela a função de cuidar do seu deficiente, e conseqüentemente ,

oferecer as condições para que o deficiente se integre à sociedade.

Para o poder, a família é obrigada a zelar pela saúde de suas crianças. *Em primeiro plano a saúde das crianças - se torna um dos objetivos mais obrigatórios da família.*⁵

Percebe-se neste momento, um jogo bastante desleal, pois, quando uma pessoa nasce é obrigação da família cuidar para que ela se desenvolva saudável. Quando essa pessoa atinge uma idade produtiva dentro do sistema, o poder a convoca para se ingressar na produção e perpetuar o vicioso círculo de interesses do sistema.

Porém, quando o indivíduo apresenta alguma deficiência, ninguém se interessa por ele, é considerado como pessoa incapaz, improdutiva e conseqüentemente será banida do meio social. Já que a família não teve "competência" e cuidado para zelar pela saúde dele, ela se torna agora a única responsável pela sua sobrevivência.

5 - FOUCAULT, Michel. MICROFÍSICA DO PODER. Ed. Graal. 7 ed., Rio de Janeiro, 1988. p. 199.

Capítulo III

SOCIEDADE E O DEFICIENTE

A sociedade, diante das necessidades dos deficientes visuais, assume um caráter paternalistas, ou seja, o deficiente está exposto às benesses da caridade pública, aos "intuitos filantrópicos" e às artimanhas do poder. Cria-se uma relação de favor, piedade, o que praticamente obriga o deficiente a ser submisso, dependente, grato pelo ato de caridade. Não se admite que pessoas deficientes se mostrem inconformadas, espera-se sempre que estas pessoas tenham a esperança estampada num sorriso, satisfeitas com qualquer atitude caridosa.

Não é interessante para o poder, contratar pessoal devidamente habilitado, pois acarretaria despesas investidas em algo improdutivo, transfere-se desta forma o problema para instituições de caridade.

Essas instituições assistencialistas acabam tirando de vez os deficientes do meio natural, colocando-os numa condição de indigência, sem nenhuma perspectiva de reabilitação e de melhorarem suas condições de vida. O seu cotidiano se resume em levantar, tomar o café, almoçar e ficar o resto do dia sem nenhuma atividade.⁶

Já que a sociedade ainda não está preparada para receber e conviver com seus deficientes como iguais, são criadas estas instituições com o intuito de mantê-los à parte, totalmente dependentes das pessoas "caridosas."

6 - Fundação Hilton Rocha. BRAILLE. v. IV nº 2, Belo Horizonte. Junho/88. pp. 52-53.

De acordo com a ideologia dominante, os deficientes não são considerados como pessoas normais, e portanto, se são diferentes não podem ocupar os mesmos espaços dos "normais." Eles devem ocupar aqueles locais devidamente preparados pelo poder, de acordo com os seus interesses. Isto porque na sociedade capitalista os espaços são delimitados em nome de uma suposta organização. Assim como em qualquer empresa, é feito um lay-out , determinando o espaço que cada empregado deve ocupar, levando-se em consideração a sua qualificação profissional. Portanto a regra é praticamente a mesma, cada pessoa já tem o seu espaço pré-determinado, de acordo com suas condições sócio-econômicas. Nunca se deve misturar o pobre e o rico; o bonito e o feio; cada qual no seu devido lugar. *Afastar a pobreza, através da valorização das áreas nobres e dos códigos de construção civil, esconder a mendicância , através das casas filantrópicas e da cadeia, zonear e delimitar o meretrício foram, ao longo dos anos, um empreendimento dos organismos públicos, visando obter um espaço organizado para a produção.*⁷

A miséria, a doença, a deficiência devem ser escondidas e mantidas longe do resto da sociedade é um perigo que deve ser combatido a qualquer preço. *A miséria assimilada a uma doença permite a introdução da linguagem do isolamento, da erradicação, da drenagem etc, enfim, de uma certa eficácia.*⁸

Numa sociedade que gira em torno da produção, do

7 - RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. O Discurso da Construção Social: Ordem e Progresso. In: TRABALHO, ORDEM E PROGRESSO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A TRAJETÓRIA DA CLASSE TRABALHADORA UBERLANDENSE - o setor de serviços - 1924-1964. Dissertação de Mestrado. USP/SP. 1989. pp. 78.

8 - DEJOURS, Christophe. A LOUCURA DO TRABALHO. Ed. Cortez, 3 ed., São Paulo, 1988. pp. 15

lucro, da riqueza e da imagem teremos ao mesmo tempo uma supervalorização deste valores em detrimento a outros, como a miséria, a deficiência, a doença, etc. Tudo que não se enquadra nesta ordem é considerado como inferior e desagradável ao convívio social.

Uma pessoa aos olhos dos outros, vale aquilo que ela aparenta ser, ou seja, o seu valor é determinado pelo seu modo de se vestir e pela beleza física, tendo-se como modelo o homem americano, alto, louro, forte, olhos e cabelos claros. Determinado esse modelo, temos do outro lado, os grupos que se encontram fora deste universo. Os deficientes, e em particular os cegos, que representam o desagradável, o feio, a repulsa, tornando-se indivíduos indesejáveis ao convívio social.

A segregação e a marginalização se tornam marcantes na vida do deficiente visual, a sociedade os considera, e eles próprios acabam introjetando a idéia de serem cidadãos de segunda classe. Este receio por parte do próprio deficiente acaba determinando o seu sentimento de inutilidade, de ser inferior que não possui condições de participar da sociedade.

Esta trama é muito bem armada e articulada, pois se dá a impressão de que a sociedade não discrimina ninguém, é o próprio cego que se vê nunca condição de inferioridade diante dos outros, e portanto acaba se auto segregando.

Os papéis são invertidos, a sociedade aparece como caridosa para com seus deficientes, que não tiveram a mesma felicidade dos outros, e agora são pessoas que merecem toda atenção e cuidado, desde que estes se encontrem naqueles locais devidamente construídos para eles.

Essa ideologia da caridade vai muito além, temos hoje também a questão da exploração financeira em cima da imagem do deficiente. Várias clínicas e entidades ditas assistencialis-

ta buscam na verdade não a assistência e o apoio deficiente, mas sim a satisfação dos seus próprios, interesses. Algumas entidades utilizam a imagem do deficiente para solicitar junto ao governo e a própria sociedade, apoio financeiro para a manutenção assistencial a tais deficientes, porém, as verbas adquiridas tomam outros destinos, tais como: aparelhamento de clínicas particulares, desvio do dinheiro, promoção pessoal junto à sociedade.

O próprio poder propicia a exploração do deficiente, pois ele transfere a responsabilidade a outros. Para o poder não é interessante promover um investimento em quem futuramente não fornecerá lucro. Os deficientes então caem nas mãos de entidades ditas assistencialistas, que exploram e perpetuam o processo de marginalização.

Para uma sociedade como a nossa, o deficiente é considerado como um peso morto e inútil, o que acaba provocando e perpetuando a rejeição e a discriminação, forçando ao excepcional um sentimento de inferioridade, impossibilitando desta forma que ele se auto realize.⁹

No Brasil, as leis foram feitas para serem burladas, elas nunca saem do papel e vão de encontro a quem delas necessita. São feitas apenas para dar uma aparência de "nação democrática", onde todos os cidadãos são iguais.

Temos hoje no país, uma série de leis que proíbem qualquer tipo de discriminação, mas que não expressam nenhuma atuação sobre a realidade. Quem poderá negar que o negro, apesar de ser legalmente considerado um cidadão com os mesmos deveres e direitos de qualquer outro, não é discriminado no dia-a-dia no seu trabalho, na escola, no clube, etc? E com relação aos deficientes? Talvez eles sejam um dos grupos mais discriminados e

marginalizados pela sociedade, pois, eles não possuem trabalho, não frequentam escolas e nem clubes. Não quero, porém, com isto dizer quem é mais discriminado do que o outro, quero apenas ressaltar a questão da indiferença do poder diante de um processo preconceituoso que a sociedade insiste em perpetuar.

Até agora demonstramos a relação da sociedade com seus deficientes, porém, vale também tentar resgatar o posicionamento do deficiente perante a sociedade.

Podemos perguntar, como um cego mantém relações com o resto da sociedade, já que o contato visual corresponde a 80% das relações humanas? Realmente, num primeiro momento é muito difícil, tanto para os cegos quanto para as pessoas videntes romperem a barreira da indiferença diante de outras pessoas. Durante uma entrevista com deficientes visuais, isto ficou muito claro; eles me confessavam que tinham algum receio em chegar próximo a outra pessoa para conversar, pois sentiam que a sua presença não estava agradando, isto acaba provocando um sentimento de desigualdade entre eles, mesmo durante a tentativa de se iniciar uma simples conversa.

Muitos cegos evitam uma maior aproximação pois acabam sendo tratados como mendigos, pessoas que sempre estão precisando de ajuda.

Por outro lado, passado a dificuldade de romper essa barreira da aproximação, a conversa é muito interessante e proveitosa, pois se trata de uma experiência nova. Para ambas as partes é muito enriquecedor qualquer troca de idéias, nem que isto ocorra num mínimo de contato.

Agora, quero deixar bem claro, para que ocorra uma integração verdadeira do deficiente à sociedade, é necessário que os poderes públicos e a própria sociedade abram os olhos para os problemas do cego; problemas estes que não devem

ser tratados e resolvidos pela caridade, mas sim como "direito." Direito de qualquer cego ser tratado com decência, de participar e ser ativo socialmente; Direito à educação, saúde, lazer, etc, sem discriminações e restrições. Simplesmente o direito de ser considerado pessoa humana.

ESPORTE E LAZER - PARA QUEM?

Com relação à criança cega, esta não pode se tornar ou ser considerada um "peso morto", "cruz" pela família. A criança cega deve ser tratada como qualquer criança, ela pode e deve ser incluída em todas as brincadeiras com crianças videntes, ela deve aprender a se defender sozinha, sem que os pais estejam sempre por perto, controlando suas ações. Neste caso, a superproteção poderá acarretar à criança uma dependência, da qual ela dificilmente se livrará, dificultando a sua perfeita integração à sociedade.

Muitos pais, com o intuito de proteger, acabam contribuindo e afirmando a diferença de seu filho com relação às outras crianças. Essa superproteção acaba excluindo a criança cega do convívio normal com outras crianças, isto acarretará a marginalização e o isolamento dela com relação às demais. Este isolamento é o primeiro passo para que futuramente o cego seja segregado e marginalizado pela sociedade. As crianças cegas e videntes devem se habituar a conviver juntos nas brincadeiras, tornando esta prática, uma arma contra quaisquer preconceitos que possam surgir. As relações de amizade tão comuns na infância, pode fazer com que o cego não se sinta diferente, não se sinta excluído pelos outros, e não carregue um trauma para o resto da vida.

Com relação ao adulto, o lazer também é tão importante quanto na vida de qualquer outra pessoa. Entretanto, a dificuldade de relacionamento está sempre presente, sua presença em festa, clubes, parques, cinemas, teatros, etc, chama

a atenção. As pessoas não conseguem imaginar a vida sem a utilização dos olhos, não estão acostumadas a ver cegos frequentando os mesmos espaços de divertimentos de pessoas videntes. O deficiente torna-se um estranho neste meio.

Durante entrevistas a pessoas deficientes visuais, algumas me disseram que evitam estas formas de diversão ditas para pessoas "normais", porque, sempre surgem piadas e comentários a respeito de que um cego estaria fazendo num local desses. Isto os inibem de participar, acabam retornando e se trancando em casa. *Senti-se sô não é sentir-se inferior, mas sim diferente.*¹⁰

Outros deficientes me disseram que frequentam todos os espaços destinados à diversão independentemente se os outros comentam sobre sua presença. Se houver algum comentário, fingem que não ouviram, permanecem indiferentes, como se não tivessem acontecido.

Porém, deve ficar bem claro que a sociedade não admite que grupos "estranhos ao meio", dividam os mesmos espaços, ex: negros: seu lugar é nas favelas; deficiente: fechado em casa ou instituições, homossexuais: devem manter-se naqueles locais pré-determinados a eles. Não se deve misturar, pois isto é uma afronta ao poder.

Com relação às formas de lazer preparadas especialmente para deficientes, surgiram basicamente após a 2ª guerra mundial, com os mutilados de guerra. Porém, estas formas de lazer acabam contribuindo ainda mais para reforçar o preconceito e a segregação. Ao mesmo tempo em que traz certos benefícios, como uma maior integração entre eles, acabam também difi-

10 - PAZ, Octavio. O LABIRINTO DA SOLIDÃO é POST-SCRIPTUM. Ed. Paz e Terra. 2 ed., São Paulo 1988. p. 22.

cultando o convívio com outras pessoas.

No caso específico do deficiente visual, as formas de lazer criados especialmente para eles, praticamente os excluem do convívio social. Hoje temos várias modalidades de esportes, além de outras formas de lazer para cegos, mas como acabei de dizer, para cegos. Isto caracteriza que, há na verdade uma integração entre eles, mas essa integração de um certo ponto de vista é bastante discutível, pois eles não se unem pelo simples fato de procurarem uma diversão, mas se unem em torno da deficiência.

Não se deve fechar o círculo em torno dessa "diferença", deve abrir as portas a participação voluntária das pessoas, deve-se buscar a harmonia em torno de um convívio espontâneo, alegre.

O esporte poderia passar a ser uma arma de contestação do todo um sistema social preconceituoso. Porém, da forma em que foi instituído e perpetuado, acaba contribuindo para a segregação, face à supervalorização da deficiência, da diferença. Pessoas cegas e videntes não se misturam nas brincadeiras, cada qual ocupa o seu espaço, não deixando margem para a participação de outros.

Face a essa separação, para muitas pessoas videntes, qualquer tipo de esportes praticados por cegos, é considerado como algo excepcional, ou mesmo como motivo de risos e piadas. É como se fosse alguma coisa anormal ver aqueles deficientes se divertindo ou competindo saudavelmente.

Essa visão preconceituosa que cerca a vida do deficiente em sociedade pode perfeitamente ser alterada. Sem dúvida, é um trabalho difícil e lento, mas nunca impossível. O esporte e o lazer se tornam grandes instrumentos para a integração do deficiente à sociedade, mas para que isto ocorra, é

preciso se acabar com essa divisão preconceituosa de que isto é para cegos e aquilo é para pessoas "normais."

O convívio deverá ser espontâneo, sem preconceitos e discriminação, e isto será conseguido a partir do momento em que desde a infância, crianças cegas e videntes passarem a conviver juntas, em harmonia e liberdade.

Capítulo V

EDUCAÇÃO DEFICIENTE PARA DEFICIENTES

É lamentável a situação em que se encontra o ensino brasileiro. O desinteresse é total por parte dos governos, em proporcionar um sistema de ensino que venha atender às necessidades da população. No Brasil, o ensino sempre foi tratado como meras discussões eleitoreiras, porém, passada as eleições, cai-se no esquecimento, sendo lembrado novamente apenas nas próximas eleições, e infelizmente com o mesmo intuito dos anteriores.

A escola, para nós, é vista como um instrumento de perpetuação dos interesses burgueses, quaisquer elementos estranhos a esse política deve ser banida dela. Os alunos não vêm em as suas necessidades reais atendidas, são pelo contrário, obrigados a engolir tudo aquilo que já vêm devidamente mascado. O ensino funciona como algo exterior à vontade dos alunos, que lhes causa repulsa.

A escola atual é vista como instrumento da burguesia, que conserva e desenvolve como instituição de natureza ideológica e instrumental para a reprodução de seus interesses, tanto os de natureza cultural quanto os de natureza material.¹¹ Verificamos nesta citação, que numa sociedade como a nossa, a escola somente é mantida enquanto esta cumprir todo o jogo de interesses de uma camada social dominante.

Mesmo a escola para as pessoas ditas "normais"ain

11 - RODRIGUES, Neidson. POR UMA NOVA ESCOLA. Ed. Cortez. 5 ed., São Paulo, 1986. p. 18.

da está por se transformar; agora, com relação às pessoas deficientes, como funciona o sistema de ensino, e qual a relação da escola no atendimento às necessidades desses deficientes?

Praticamente não existem escola capazes de oferecer um ensino descente ao deficiente visual. A maioria das escolas funcionam em entidades assistencialistas, e têm como finalidades apenas o ensino de palavras básicas e manejo do equipamento para a escrita em braille. O aluno cego nunca se desata da relação paternalista que a sociedade o impõe.

É necessário a criação de escolas capazes de fornecer ao deficiente visual condições para que ele se desenvolva intelectualmente, que lhe dê acesso ao conhecimento, lhe propicie condições para se ingressar dignamente no mercado de trabalho, permitindo que ele fuja da passividade, da espera da caridade, e se torne um sujeito ativo, com iniciativas próprias, dono de suas ações.

Porém, educação para cegos exige muito mais, e é muito mais complexa e complicada do que para nós, pessoas videntes. Praticamente todo o aprendizado de uma pessoa é adquirido pela visão, pela facilidade de comunicação e distinção através de um simples olhar.

Para se superar a ausência desse sentido (visão), isto requer um esforço árduo de professores e alunos, além de material e técnicas especiais, que propicie um aproveitamento adequado.

Para cegos, a coisa é muito mais difícil, apenas para citar, com relação à educação sexual, muitos chegam à fase adulta, totalmente ignorantes a respeito dos fatos básicos relacionados com as partes do corpo e funcionamento sexual.

No caso específico de Uberlândia, não existe nenhuma entidade devidamente aparelhada que possa oferecer ao ce

go uma educação descente. Durante uma visita à ASSOCEGU (Associação dos Cegos de Uberlândia), presenciamos o que se pode chamar de educação para cegos no Brasil, ou seja, depende exclusivamente da vontade e interesse do aluno em adquirir algum conhecimento, e da boa vontade de algumas pessoas ligadas aos problemas enfrentados pelos cegos. Não se possui verbas para a contratação de pessoal devidamente habilitado para exercer tais funções.

A verdade é que a educação para cegos requer um pessoal altamente especializado, porém isto custa muito, e para o poder não interessa em nada investir muito em algo que futuramente não ofereça o lucro desejado.

Uma sociedade capitalista como a nossa, qualquer investimento que venha a ocorrer, principalmente no campo da educação, é recalcado em segundas intenções. A educação brasileira passou a ser apenas um instrumento para formação de mão-de-obra, ao invés da formação do cidadão, consciente e ativo, capaz de assumir-se como sujeito da história.

Tudo gira em torno da produção, somente quem puder oferecer uma perspectiva mínima de futuramente ser produtivo, poderá merecer algum investimento. O deficiente é completamente excluído de qualquer investimento, pois para o poder se torna oneroso e sua força de trabalho não é requerida. "Então para que cultivar uma árvore que não dará frutos?"

O Estado é a representação de uma classe dominante, que têm como intuito apenas a perpetuação das relações de poder vigentes. *O que estava colocado como objeto primeiro e fundamental na nova orientação do Estado era a necessidade de se garantir o projeto de desenvolvimento capitalista, entendido no seu cerne como a garantia do processo da acumulação do capital.*¹²

Se a mão-de-obra do deficiente não é desejada , logo ele também não é bem visto. Do ponto de vista do capital, o deficiente não reúne qualidades suficientes que possam merecer uma atenção especial. Como já foi dito antes, o capital está preocupado com a produtividade, com a eficiência, com a qualidade, coisas que para eles o deficiente nunca poderá oferecer.

O medo de se incentivar um deficiente a continuar os estudos é muito grande, porque ninguém quer vê-lo consciente de sua capacidade, pois isto poderia desencadear uma forma de participação indesejada.

Nos dois casos citados anteriormente, onde professores de uma faculdade de medicina relutavam em fornecer o diploma a uma pessoa cega, e no caso específico de Uberlândia, onde praticamente tentou-se impedir o ingresso e a permanência de um cego que tentava formar-se em Direito, demonstra claramente como um indivíduo cego é indesejável a partir do momento em que ele começa a colocar em risco as estruturas de poder.

Os cegos devem-se manter em locais devidamente , criados para eles, aqueles que não se encontram inseridos nestes locais, estão fora do seu meio, e isso é insuportável para o poder, pois desorganiza todo o cronograma já estabelecido.

O problema do ensino para cegos é grande, pois não se possui pessoal especializado para o trabalho, não se possui material didático adequado, além de que o Estado não têm nenhum interesse em patrocinar uma melhoria nesta condições de ensino, e de outro lado a própria sociedade também re-crimina e impede a ascensão do deficiente.

Sob este aspecto, não adianta preparar o cego para viver normalmente em sociedade, se a própria sociedade não o aceita como igual. É necessário então, educar e preparar tam

bem a sociedade, para que esta aceite o deficiente como uma pessoa comum.

A sociedade deve ser esclarecida que o deficiente como qualquer outra pessoa, possui habilidades e potencialidades que possam permitir sua ascensão em qualquer ramo de conhecimento. É necessário então, que se transforme a mentalidade de que um deficiente é inútil e incapaz.

Não adianta apenas o cego querer se integrar à sociedade, é necessária que ela abra as portas e o acolha como indivíduo normal que é. Somente a sociedade detém o poder de determinar a integração ou não do deficiente ao meio.

A integração do deficiente à sociedade, virá a partir do momento em que esta reconhecer no deficiente um indivíduo comum, que como qualquer outro homem, têm a necessidade de viver em grupo, em "sociedade."

Capítulo VI

MERCADO DE TRABALHO

O que encontramos hoje, é um contingente expressivo de deficientes pedindo esmolas, boa parte são cambistas, biscateiros ou desenvolvem habilidades astísticas, usando o talento como meio de sobrevivência, porém, estas atividades são extremamente instáveis, oferecem rendimentos irrisórios e nenhuma garantia, situando os deficientes definitivamente à margem do sistema de produção.

As oportunidades de trabalho são limitadas ou inacessíveis, prevalecendo a imagem do deficiente como improdutivo e incapaz.

Um outro fator de suma importância com relação à dificuldade do deficiente se ingressar no mercado de trabalho, é a questão da aparência, da imagem. Quem representa a imagem da empresa perante a sociedade, é o seu empregado, que além de se trajar bem é essencial que tenha uma boa aparência física.

Como já colocamos anteriormente, a imagem é considerada um valor de primeira grandeza para a sociedade capitalista, e no mercado de trabalho ela cultivada como uma qualidade como um primeiro sinal de capacidade para exercer a função.

Toda imprensa procura investir e exigem ao máximo que seus empregados mantenham a boa aparência, isto significa qualidade, poder e eficiência. Porém, quase nunca essas empresas oferecem condições financeiras para tais exigências.

Com relação à mão-de-obra do deficiente, esta é quase que totalmente desvalorizada, nenhuma empresa quer se

identificar com algo que a sociedade despreza e rotula como feio e desagradável.

O preconceito e a conseqüente marginalização tende a aumentar, quando um deficiente, um negro ou uma outra pessoa que não se enquadra nos padrões de beleza, procura se ingressar no mercado de trabalho, e este recusa ou considera como mão-de-obra de segunda classe.

Esta recusa, além de provocar um distanciamento com a sociedade, ainda provoca no deficiente um sentimento de vergonha, e sua deficiência passa a ser associada a uma doença, à incapacidade de produzir face a uma suposta inferioridade . *Doença-avesso-do-trabalho, a tal ponto que a falta de trabalho torna-se em si um sinônimo de doença.*¹³

A sociedade discrimina e o próprio deficiente , mesmo não sendo acaba introjetando a ideologia da incapacidade.

Se preconceito diante do pobre, negro, índio , feio, mulher ainda existe, imagina então um deficiente pobre , negro ou índio, feio e mulher. As portas estão definitivamente fechadas.

No caso específico de Uberlândia, praticamente todos os deficientes visuais sobrevivem de subempregos. Grande parte estão ligados principalmente à ASSOCEGU, que consegue oferecer emprego apenas como um certo incentivo. Porém, a maioria continua marginalizada, perambulando pela cidade em busca de "trocados", conseguidos através da venda de bilhetes de loterias e rifas.

Segundo a Associação dos Cegos de Uberlândia , existe pouquíssimos casos de deficientes visuais devidamente empregados em toda a cidade.

13 - DEJOURS, Christophe. A LOUCURA DO TRABALHO. Ed. Cortez, 3 ed., São Paulo. 1978. p. 33.

Porém, com relação a estes deficientes devidamente empregados, percebemos um enorme jogo de interesses que se encontra por trás destas admissões.

Durante o ano internacional dos deficientes físicos, muitas empresas com intuito meramente de se promover diante da sociedade, contrataram alguns deficientes para seus quadros de empregados.

A exploração dos deficientes estrapoulou a expropriação da simples força de trabalho. Foi muito além, exploram a imagem do deficiente como forma de marketing.

O deficiente, sem perceber tornou-se "garoto propaganda" a serviço de capitalistas, que não estavam de forma alguma interessados em resolver problemas sociais, mas sim destacar o conceito de sua empresa perante a opinião pública.

Passado o ano internacional dos deficientes, e com ele a febre de divulgação, tudo retorna ao que era antes. Os deficientes são jogados de volta à margem. Eles durante aquele ano tiveram o seu momento de eficiência e capacidade para o sistema capitalista, que tão bem soube tirar proveito da situação.

Sem dúvida, o sistema capitalista sobrevive e se afirma graças à exploração das pessoas certas no momento adequado.

Voltando à questão específica do deficiente visual, vale a pena discutir uma questão que é uma das principais formas de repressão do trabalhador vidente, e que os cegos em especial, se encontram fora deste domínio: "o poder do olhar".

As formas de dominação do trabalhador são muitas mas a que exerce uma função de acompanhamento direto, de vigilância é sem dúvida o olhar repressor. *Ter medo de ser vigiado é*

*vigiar-se a si mesmo.*¹⁴ Como então exercer uma vigilância e controle sobre pessoas cegas, que se encontram indiferentes ao esta antiga forma de dominação?

Mesmo sendo atribuída à questão da deficiência em si, não deixa porém, de ser uma forma de resistência do cego a uma forma de organização do trabalho, que não só cega, mas também castra todos os movimentos, desejos e vontades de qualquer outro trabalhador.

A grande diferença entre um deficiente e um trabalhador "comum", é que o primeiro têm consciência da deficiência, e o segundo, se torna inconscientemente um deficiente nas mãos do sistema.

14 - DEJOURS, Christophe. A LOUCURA DO TRABALHO. Ed. Cortez. 3 ed., São Paulo, 1988. p. 102.

CONCLUSÃO

Em Uberlândia, a questão da cegueira ainda é considerada como um "castigo de Deus", à que algumas pessoas foram obrigadas a se submeter. Para a maioria das pessoas, a cegueira é uma manifestação sobrenatural.

Os cegos estão praticamente à margem de todo o processo social, são considerados indivíduos inferiores, sujeitos à caridade pública. A sociedade assume uma relação paternalista diante dos deficientes. Essa relação paternalista, acaba castrando a liberdade do deficiente. Ele têm decretado quais são seus espaços e desejos, ainda tendo que ser grato por toda essa "preocupação da sociedade com seu bem estar."

Ao invés de tratado como pessoa normal, que pelo menos teoricamente, é livre para ir e vir, frequentar e participar de qualquer atividade social, o deficiente é considerado como pessoa que precisa de ajuda, que não é capaz de decretar sua independência.

Essa relação paternalista tenta esconder a incapacidade e ou o desinteresse da sociedade em proporcionar condições para que os deficientes se tornem membros ativos.

Como já foi dito anteriormente, em Uberlândia, os nossos deficientes estão praticamente esquecidos e excluídos da participação social. Não existe entidades capazes de oferecer aos deficientes, condições para que ele se desenvolva enquanto homem/cidadão na sua plenitude.

Não são oferecidas oportunidades, para que os cegos demonstrem suas habilidades, enquanto profissionais capazes. As empresas recusam se identificar com um deficiente, con

siderados pela sociedade feias e improdutivas.

Face a essa rejeição, a maioria dos deficientes se encontram marginalizados e excluídos das relações sociais.

Recentemente tivemos na cidade, um movimento com o intuito de levantar o número de portadores de deficiência visual. Segundo o quadro abaixo, Uberlândia possui uma população de deficientes visuais, que a meu ver já mereciam há muito tempo uma maior atenção por parte das autoridades e da sociedade. Mas não atenção com intuitos filantrópicos, mas sim por acreditar na importância dessas pessoas.

Levantamentos/Uberlândia

BAIRROS.....	56
CASAS.....	30.027
TESTES DE ACUIDADE VISUAL.....	2.793
CONSULTAS OFTALMOLÓGICAS.....	1.037
CIRÚRGIAS.....	14
ARMAÇÃO E LENTES.....	94
LENTES.....	20 pares
ARMAÇÕES.....	03
LENTES DE CONTATO.....	01 par
PORTADORES DE CEGUEIRA MONOCULAR.....	136
PORTADORES DE CEGUEIRA BINOCULAR.....	60

Fonte: Projeto Luz/Uberlândia.

O contingente de deficientes visuais em Uberlândia é muito grande para que eles continuem sendo tratados com tamanho descaso. Não adianta apenas saber quantos são, onde estão, ou como vivem, é necessário que se tome consciência, de que o deficiente como qualquer outra pessoa, têm sonhos e desejos, que não podem ser tirados em nome de uma ideologia ou de

um suposto progresso.

A sociedade instaurou princípios de auto-proteção, determinando quem é sadio ou normal, aqueles que não estão dentro deste padrão, devem ser excluídos. É o corpo da sociedade que se torna o novo princípio. É este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: ...serão aplicadas receitas, terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes. A eliminação pelo suplício é, assim, substituído por métodos de assepsia: a criminalologia, a eugenia, a exclusão dos degenerados.¹⁵

A sociedade não pode mais continuar fechada nos seus dogmas que determina, a normalidade das pessoas, quem deve participar e quem deve ser excluído.

Por outro lado, os deficientes devem tomar consciência da sua importância enquanto pessoa, devem reivindicar e defender direitos iminentes ao grupo. A sociedade é construída pelas diferenças, não se pode então determinar quem pode ou não ser aceito.

Já é tempo dos poderes públicos e a sociedade abrirem os olhos para os problemas da cegueira. A solução para estes problemas não é a exclusão, e sim, reconhecer no deficiente um ser humano que têm algo a oferecer; não um espetáculo degradante, mas uma lição de força e amor à vida.

Tentamos neste trabalho, discutir algumas questões que cercam o deficiente na sua vida em sociedade. O assunto, é ao mesmo tempo simples e complexo. Simples, porque se trata da relação de uma pessoa com a sociedade; complexa, porque estas relações tomam direções totalmente diferentes ao que de poderia chamar de um convívio harmonioso.

15 - FOUCAULT, Michel. MICROFÍSICA DO PODER. Ed. Graal. 7 ed., Rio de Janeiro, 1988. p. 145.

A cegueira se transforma em sinônimo de doença , de inferioridade e incapacidade, o homem cego perde sua condição humana , diante de outros que se consideram perfeitos, os verdadeiros homens.

Aquele homem decretado "diferente" pela sociedade é excluído. Será então que não somos todos de uma forma ou de outra marginalizados?

BIBLIOGRAFIA

- 01 - ANDRADE, Geraldo Sandoval. Aspectos da Adaptação Profissional dos Cegos. In: *LENTE*. São Paulo. Jul/set. 1968.
- 02 - BUENO, Gracimar Álvares. Formação de Conceitos na Cegueira de Nascimento. In: *LENTE*. São Paulo. jul/dez. 1976.
- 03 - DEJOURS, Christophe. *A LOUCURA DO TRABALHO*. Ed. Cortez. 3 ed., São Paulo. 1988.
- 04 - DUNN, Llyod M. *AS CRIANÇAS EXCEPCIONAIS: SEUS PROBLEMAS. SUA EDUCAÇÃO*. Livros Técnicos e Científicos Editora. Rio de Janeiro.
- 05 - FITZGERALD, Kenneth. Educação na Vida Familiar e Trabalhos com os Cegos. In: *LENTE*. São Paulo. Jan/jun. 1966.
- 06 - FONZAR, Jair. *EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES E TEORIAS*. Ed. da Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1982.
- 07 - FOUCAULT, Michel. *MICROFÍSICA DO PODER*. Ed. Graal, 7 ed., Rio de Janeiro. 1988.
- 08 - FRAZÃO, Marialva Feijó. Aspectos do Desenvolvimento Físico do Deficiente Visual. In: *LENTE*. São Paulo. Abr/jun. 1968.
- 09 - FREDMAN, Saul. Desenvolvimento da Personalidade. In: *LENTE*. São Paulo. Jan/jul. 1969.
- 10 - FUNDAÇÃO HILTON ROCHA. *BRAILLE*. v.I nº 03, Belo Horizonte. set/85.
- 11 - _____. *BRAILLE*. v. II nº02 Belo Horizonte. Jun/86.
- 12 - _____. *BRAILLE*. v.III nº 03 Belo Horizonte. set/87.

- 13 - _____. BRAILLE. v.III nº 03, Belo Horizonte.
set/87.
- 14 - _____. BRAILLE. v.III nº04. Belo Horizonte.
Dez/87.
- 15 - _____. BRAILLE. v.IV. nº01, Belo Horizonte.
mar/88.
- 16 - _____. BRAILLE. v.IV nº02, Belo Horizonte.
Jun/88.
- 17 - _____. BRAILLE. v.IV, nº03, Belo Horizonte.
set/88.
- 18 - _____. BRAILLE.v.IV nº04, Belo Horizonte .
Dez/88.
- 19 - _____. BRAILLE. v.V, nº01, Belo Horizonte .
Mar/89.
- 20 - _____. BRAILLE. vV, nº03, Belo Horizonte .
Set/89.
- 21 - LEITE FILHO, L. A. M. & NITTA, K. Aspectos da Cegueira na
Infância em Nosso Meio. In: REVISTA BRASILEIRA DE OFTALMOLO
GIA. 1971/72.
- 22 - LOWEN, Berthold. O Impacto Social da Cegueira sobre o in-
dividuo. In: LENTE. São Paulo. Jan/mar. 1968.
- 23 - MOLLER, M. A. A Criança com Deficiência Visual. In: REVIS
TA PED. AM. NORTE. Rio de Janeiro. 1982/83.
- 24 - PAZ, Octávio. O LABIRINTO DA SOLIDÃO e POST-SCRIPTUM. Ed. Paz e
Terra. 2 ed., São Paulo, 1988.
- 25 - REVISTA FLASH. Doação de Órgãos. nº 13.

- 26 - RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. O Discurso da Construção Social: Ordem e Progresso. In: *TRABALHO, ORDEM E PROGRESSO: Uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense. O setor de serviços - 1924-1964*. Dissertação de mestrado. USP, São Paulo. 1989. p.44-98.
- 27 - RODRIGUES, Neidson. *POR UMA NOVA ESCOLA*. Ed. Cortez, 5 ed. , São Paulo, 1986.
- 28 - SEVERINO, Antônio Joaquim. *METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO*. Ed. Cortez e Moraes, 4 ed., 1980.
- 29- SIEGEL, Irwin. A Expressão da Postura no Cego. In: *LENTE*. São Paulo, Jul/dez, 1969.
- 30 - SLAGLE, Eleanor Clarke. Os Fundamentos da Avaliação para o Trabalho. In: *LENTE*. São Paulo, Jan/jul., 1977.
- 31 - TELFORD, Charles W. & SAMREY, James M. *O INDIVÍDUO EXCEPCIONAL*. Ed. Fazar 4 ed., Rio de Janeiro, 1983.
- 32 - VALENTE, Maria A. Percepção Visual. Aspectos Assistenciais de Enfermagem. In: *ENF. NOVAS DIMENSÕES*. Jan/fev. , 1977.
- 33 - III SIMPÓSIO SOBRE ENSINO INTEGRADO DOS DEFICIENTES VISUAIS. Relatório Final (síntese) 29 a 1º junho/1986.